

O MEU TIO DILÊ

João Alberto Novis Gomes Monteiro

Na grande varanda - sala de jantar, tipicamente cuiabana - da casa do meu avô João Gomes, em uma rede armada além da comprida mesa, um jovem casal: o meu tio Dilermando - oficial cumprindo, então, a sua primeira missão no Exército, no 16º BC, - e sua bela e meiga esposa, Isaura, pouco mais que uma menina. Eu teria 3 para 4 anos. Esta é a primeira recordação que guardo dele e - talvez pelo orgulho despertado em meus avós e em toda família pela presença, entre nós, do garboso e promissor militar - desde essa época a lembrança desse tio sempre me veio associada a Exército, civismo e patriotismo. Era o único da casa a possuir um apelido: todos o chamavam, carinhosamente, "Dilê". Depois desta permanência em Cuiabá chegava-me apenas notícias da sua brilhante carreira.

Quando, logo após o Carnaval de 1949, cheguei ao Rio de Janeiro para estudar, lá estava o capitão Dilermando, agora com a família acrescida pelos três filhos do casal: Dalton, Gustavo e Dileiza. Moravam, eles, em uma pequena quitinete na minúscula rua sem saída, denominada, pomposamente, "Principado de Mônaco", em Botafogo. Vejam que a, periodicamente, injusta remuneração dos militares vem de longa data: um capitão do Exército não podia, na época, viver em maior conforto. Mesmo assim, o tio Dilê, estava adquirindo o imóvel em que morava, graças à compreensão da esposa que concordava com a sua planejada conduta, desde segundo-tenente, de sempre viver com o soldo do posto anterior - poupando a diferença para a patente atual.

Mais tarde, passariam para um apartamento um pouco maior, no fim da mesma pequena rua. Era enorme o seu sacrifício e, além dos permanentes estudos, ainda conseguia tempo para, valendo-se da sua grande habilidade manual, produzir peças de artesanato em madeira que resultava sempre em boa ajuda no orçamento doméstico. Quando deixei a "Cidade Maravilho-

sa”, já formado em Medicina e com um ano de especialização, no final e 1956, lá ficou o tenente-coronel Dilermando contando com vários cursos na sua já bonita carreira: Escola de Aperfeiçoamento de Oficiais, Escola de Estado-Maior (menção “Muito Bem”), Técnica de Ensino e, nos Estados Unidos, o curso de “Public Information”, concluído com invulgar brilhantismo.

Dai para a frente, a sua trajetória foi de marcante fulgor: Assistente-Secretário do Chefe do Estado-Maior das Forças Armadas e Oficial de Relações Públicas do mesmo órgão, Chefe da 3ª Sub-seção da 2ª Seção do Estado-Maior do Exército, Adjunto da Divisão de Estudos e Pesquisas da Escola de Comando e Estado Maior do Exército, Sub-comandante e Sub-diretor da Escola de Sargentos das Armas - em Três Corações - MG, Adjunto da 1ª Seção do Estado-Maior do Exército, Oficial de Gabinete do Ministro da Guerra, servindo no Escalão Avançado em Brasília cumulativamente com as funções de Chefe da 2ª Divisão; Adido Militar, cumulativamente Adido Naval e Adido Aeronáutico, junto à Embaixada do Brasil na França - já como coronel, Comandante do 2º Regimento de Infantaria, Sub-chefe do Gabinete Militar da Presidência da República; promovido a general de brigada, foi Comandante da 10ª Região Militar - em Fortaleza - CE, diplomou-se na Escola Superior de Guerra e foi Assistente do Comando da mesma Escola; com a patente de general de divisão comandou a 3ª Divisão de Infantaria no Rio Grande do Sul, a 3ª Divisão do Exército e foi Vice-chefe do Estado-Maior do Exército. General de Exército, destacou-se no comando do II Exército, sendo considerado pacificador de São Paulo após uma época de turbulência que culminou com as mortes do jornalista Vladimir Herzog e do operário Manoel Fiel Filho, nas dependências dos órgãos de repressão à subversão.

Antes, havia sido indicado para o cargo de Chefe do Gabinete Militar da Presidência da República, função que não chegou a exercer em virtude de ter sofrido uma fratura de fêmur num acidente doméstico. Terminou a sua carreira como Ministro do Supremo Tribunal Militar.

Criatura que personificava o sentimento de humanidade, era dedicadíssimo aos familiares, aos companheiros de caserna, aos conterrâneos e amigos. Jamais negou, a ninguém, um favor sensato que estivesse ao seu alcance. Quando em viagem oficial, onde havia um parente recusava a hospedagem protocolar para ficar em família; ocasião em que exigia, dos hospedeiros,

os pratos tradicionais da cozinha cuiabana. Nunca esqueceu a sua Cuiabá - como atesta a publicação, em recente número do "DO Cultura", de uma poesia da sua lavra, quando residia na distante Paris, recordando a Terra-natal. Era sócio correspondente do Instituto Histórico e Geográfico de Mato-Grosso. Muito lutou para que a Capital matogrossense sediasse uma Brigada do Exército.

O grande general Dilermando, nunca deixou de ser o nosso "Dilê". Lembro-me, quando era, ele, um dos homens mais poderosos do país - comandando um exército cuja jurisdição ia do Atlântico à Fronteira-oeste - ao chegarmos à sua casa em São Paulo, para uma recepção, a minha mulher teve caído um salto do sapato. O tio, então, deixando outros convidados, chamou-nos para o seu escritório, sentou-se à grande escrivaninha que lá havia, tirou de uma das gavetas: uma flanela com que protegeu as próprias pernas, um martelinho e pregos especiais; efetuando prontamente, o conserto que se fazia necessário. Foi sempre o mesmo homem que nunca se deixou ofuscar pelo brilho do sucesso. Era humilde, sensível, espontâneo e prestativo. O menino de outrora, que declamava poesias em saraus da Academia Matogrossense de Letras e tocava violino na "orquestra" da casa paterna, depois general, não se fazia de rogado para sentar-se ao piano e executar alguma composição de seu repertório de saudades, mesmo em recepções protocolares.

A 12 de maio de 1995, o tio Dilê, deixou a vida terrena. Desde então, vinha eu, pedindo à tia Isaura que me enviasse o "Curriculum vitae" e uma fotografia grande, do saudoso extinto, para publicação e possível confecção de um busto a ser colocado em frente à Brigada por cuja criação tanto se interessou. Ela esteve em dificuldades para atender-me: não havia currículo elaborado e as fotos existentes eram pequenas e sempre retratando um grupo! O único histórico pessoal, a ele relativo, encontrado em seus guardados, foi publicado, em um jornal de Cuiabá, quando da sua indicação para a chefia do Gabinete Militar de Presidência da República.

Fiquei a imaginar o por que, um homem tão importante e tão distinguido: Oficial da Ordem do Mérito Naval, Comendador da Ordem do Mérito Militar, Oficial da Ordem do Mérito da Aeronáutica, Medalha Militar de Ouro, Medalha de Guerra, Medalha do Pacificador, Medalha Marechal

Hermes, Comendador da Ordem do Rio Branco, Grande Oficial da Ordem do Mérito das Forças Armadas e Medalha da Ordem Nacional do Mérito da França - não havia deixado um "currículo" escrito e nem fotos oficiais?!... Há alguns dias, uma cartinha recebida da tia Isaura inspirou-me a achar a explicação lógica: o general Dilermando, um crente em Deus e na vida eterna, nunca havia concorrido a nada mediante a apresentação de um currículo porque acreditava que, no momento mais importante - o julgamento do espírito pelo Juiz Supremo - este documento de nada adiantaria pois, o Julgador Onipotente e Onisciente, já conhece todos os nossos atos e desempenhos terrenos. Por esta crença, sempre pautou as suas ações.

Com este resumo biográfico pretendo apresentar, não só a figura de um brilhante filho da Terra - um importante General do Exército Brasileiro - mas também mostrar que dentro de uma farda, por mais engalonada que seja, existe sempre um homem - com todas as suas necessidades, aspirações e sensibilidades - como qualquer outro; uma vez que assim foi, muito claramente, o meu tio Dilê.